

Interpelações freirianas, à luz do trabalho com o Instituto Paulo Freire de Portugal (IPFP*)

Eunice Macedo¹

Freirian interpellations, in the light of work with the Paulo Freire Institute of Portugal

Contar histórias, tem sido ao longo da vida da humanidade uma forma de expressão primordial que tem sido pouco respeitada no âmbito do debate político, dito democrático, no ocidente. Recupero, neste texto, essa possibilidade de contar uma história como expressão da minha voz – experiência, saberes, história e expectativas de mundo – (MACEDO, 2018), como ser individual inserido num conjunto de localizações estruturais de poder (YOUNG, 2002), como o género, o estatuto social e a idade. Estas e outras localizações informam a minha leitura e posicionamentos, enquanto autora e atora da minha história, na relação *com as outras pessoas e mediatizada pelo mundo* (FREIRE, 1999).

Seria arrogância tentar mapear as pegadas de Freire, em Portugal, que remontam aos anos 1960, num artigo curto e sem uma pesquisa aprofundada. Com essa consciência, falo a partir do meu lugar particular, que começo por apresentar, e passo a refletir sobre a experiência de leitura de Freire com o IPFP, nos últimos 20 anos. Tendo este objetivo, não posso, no entanto, deixar de assinalar, pela sua relevância, o trabalho fundador desenvolvido pelo Graal². Este movimento de mulheres cristãs inaugura a alfabetização em Portugal, através de várias “iniciativas, programas e projectos”, um processo iniciado em 1967-68, no distrito de Portalegre, e que se expandiu para Lisboa, Coimbra, Porto e Viana do Castelo, entre 1968 e 1975, e que permite considerar a **conscientização** como “parte central do ‘património’ do Graal em Portugal” (KONING, 2005, p. 14).

Como refiro noutro artigo, agora no prelo, tive oportunidade de me ir encontrando com o pensamento freiriano, desde a infância, acompanhando o trabalho da minha mãe, professora do ensino primário que, numa linha pedagógica montessoriana³ investia profundamente na

¹ Doutora em Ciências da Educação Universidade do Porto Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Portugal, Professora Auxiliar da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação e Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Vice-Presidente da Direção do Instituto Paulo Freire de Portugal.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1200-6621> | E-mail: eunice@fpce.up.pt

² “O Graal é um movimento de inspiração Cristã, uma comunidade internacional de mulheres vindas de todos os continentes, etnias e culturas, de todas as idades e situações de vida, que juntas procuram o sentido mais profundo de se estar neste mundo. Nessa diversidade as participantes do Graal procuram nas suas iniciativas e acções promover a participação das mulheres na vida social e cívica, convictas de que poderão contribuir decisivamente para que mulheres e homens possam usufruir de uma vida com sentido e qualidade.” <http://www.graal.org.pt/>

³ Importante notar que se trata de uma apropriação do ‘método’ enquanto tal, que se desvia de uma visão tendencialmente fascizante e comportamentalista da educação, a qual se critica a Maria Montessori, apesar de esta ter criado o seu método, inicialmente, preocupada com a garantia da educação de crianças em situações de vulnerabilidade.

*O IPFP está reconhecido em Portugal como instituição de Utilidade Pública.

relação com as crianças e tornava a aprendizagem apetecível através de uma organização libertadora do trabalho educativo e da criação de enorme diversidade de materiais didáticos, alguns dos quais ajudei a construir. Reconheço o diálogo e a amorosidade freiriana como a base da relação pedagógica que esta professora construía com as crianças e cujo trabalho eu viria a ter oportunidade de observar, enquanto estudante do Magistério Primário, uns anos mais tarde.

A proximidade à construção do ato educativo pela minha mãe, professora dedicada, sabedora e inovadora, alimentou a minha infância e influenciou profundamente as futuras opções formativas e profissionais, constituindo o cadinho essencial a um percurso sempre ligado à educação, há 40 anos. Tendo sido também profundamente marcada pelo movimento pela libertação na educação, como estudante do Magistério, já como professora viria a dar aulas no ensino primário, na educação de crianças e jovens portadores de deficiência, na educação de elites, desde o ensino fundamental ao ensino médio, e de regresso à educação especial, e ao trabalho de formação de docentes e outras pessoas adultas, para exercer, agora, a docência com jovens adultas e adultos universitários. O meu percurso na educação tem sido também dedicado à investigação, bem como a uma intervenção com a comunidade, fortemente inspiradas pelo pensamento de Freire.

Depois da primeira imersão freiriana, na infância, surgiu então essa nova oportunidade na formação inicial como docente do ensino básico, que referi, sendo Freire apresentado e reconhecido, nesse contexto, como um dos maiores pedagogos do séc. XX, no quadro da vivência revolucionária do pós 25 de abril de 1974. Esta Revolução dos Cravos destituiu o regime autoritário e buscou a construção democrática, trazendo esperança a uma população oprimida pelo obscurantismo, pelo silenciamento e pela ausência de liberdade. O contacto com o pensamento freiriano foi aprofundado na formação posterior em Ciências da Educação, como narro adiante.

A germinação do Instituto Paulo Freire de Portugal, lançando sementes

É no âmbito do estágio da Licenciatura em Ciências da Educação, orientado por Luiza Cortesão, que proponho a criação do Centro de Recursos Paulo Freire, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, o que, entre outras iniciativas, descritas no “Caderno Novo” (CORTESÃO, 2002; MACEDO, A., 2002) viria a dar origem à criação do Instituto Paulo Freire de Portugal (IPFP). Este instituto celebra, em novembro do corrente ano, 20 anos de existência. Sendo à atividade realizada no IPFP que dedico este texto.

Com esse objetivo, registo aqui enunciados da criação do Instituto, nas palavras de Luiza Cortesão, Presidente da direção, desde o primeiro momento, que ponho em diálogo com as palavras de Amélia Macedo, investigadora do CIEE da FPCEUP, que teve um papel crucial na criação do instituto. Diz-nos a primeira, “Um início é sempre uma surpresa face a algo que vai surgir, surpresa de um caminho ainda não trilhado, de um desafio do desconhecido que se desenrola à nossa frente.” (CORTESÃO, 2002, p. 7) Continuando na expectativa de algo novo, a autora refere, mais adiante, de forma esperançosa,

É que o Instituto Paulo Freire de será o que nós quisermos que seja. Será aquilo que escrevermos nas páginas quase brancas que aqui se nos oferecem desafiadoramente. (...) [O instituto] não é uma qualquer associação de pessoas interessadas em educação e/ou intervenção social. (CORTESÃO, 2002, p. 9)

A vinculação do instituto ao ideário freiriano é também marcada como distintiva, afirmando-se uma certa construção da *palavramundo*, em que se valoriza a ‘briga’, o debate, a criticidade, a reinvenção, tal como defendia Freire, na sua “indignação face à injustiça social” (CORTESÃO, 2002, p. 10),

Trata-se do “Instituto Paulo Freire de Portugal”. E o nome de Paulo Freire é, logo à partida, muito significativo. Polémico na sua vida e na sua obra, ele não

representa para todos a mesma coisa. Não é sequer alguém cuja vida e obra sejam consensualmente apreciadas e valorizadas (CORTESÃO, 2002, p. 9)

Nesta apresentação da *germinação* do Instituto, Luiza Cortesão (2002) destaca um conjunto de momentos-chave, que interessa sublinhar pelo seu contributo para a instituição do movimento freiriano, de que fazemos parte. O primeiro, é o do contacto de Amélia Macedo com o Instituto Paulo Freire (IPF) de São Paulo, que leva à organização, por ela, do Fórum da Ecopedagogia. Este evento traz a equipa do IPF, a Portugal e à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), dando continuidade e estimulando a relação de diálogo *com amorosidade*, desde então alimentada. Relativamente a este momento, em que se prepara a terra para o lançamento da semente, Amélia Macedo esclarece o seu envolvimento no processo,

Em 1999, aquando do I Encontro Internacional “A Carta da Terra na Perspectiva da Educação”, (...) dinamizado pelo Instituto Paulo Freire, promovido pela UNESCO e pelo Conselho da Terra, uma investigadora (...) deslocou-se a São Paulo, tendo participado neste evento e apresentado uma comunicação. (...) O contacto mais próximo (...) com o ideário de Paulo Freire, o conhecimento com os freireanos presentes (...), as decisões aí tomadas e as implicações previsíveis das mesmas, incentivou a realização (...) do I Encontro Internacional de Ecopedagogia onde (...) participaram não só ecopedagogos que haviam estado em São Paulo como ainda quatro dos cinco diretores do IPF do Brasil (MACEDO, A. 2002, p. 16)

É de acentuar que deste processo decorrem sucessivos contactos com o IPF São Paulo, casa mãe que acolhe o IPFP, autoriza o uso do nome e contribui para a sua fundação.

O segundo momento, localizado por Cortesão (2002) é o encontro de homenagem a Freire e Grácio, organizado em Lisboa, por António Teodoro, que viria a ser membro fundador do IPFP e a integrar os seus corpos sociais. Relativamente a este momento, Amélia Macedo acentua a presença de dois professores catedráticos da FPCEUP, referindo também como na continuação do estreitamento de relações, decorre a participação de um grupo de pessoas portuguesas no II Congresso Paulo Freire, em Itália, o que vai contribuindo para a germinação da semente do instituto.

O terceiro momento, assinalado por Cortesão (2002) é o estágio da licenciatura, já referido que, com a sua orientação, teve um foco no estudo de Freire e na criação do Centro de Recursos Paulo Freire. O aprofundamento da leitura de Freire, com dedicação a 20 obras, e a produção de um estudo, publicado em Portugal e no Brasil (MACEDO, VASCONCELOS, EVANS, LACERDA, & VAZ PINTO, 2001; 2013) permitiram a identificação de eixos centrais no seu trabalho. A visão da educação libertadora – por oposição a uma educação bancária –, e da conscientização – enquanto movimento de resistência contra o obscurantismo e que permite traçar o percurso para a transformação do mundo; bem como a discussão da tensão que opõe oprimido e opressor – e que obriga a repensar estes conceitos e essa relação –; a conceção antropológica da cultura, bem como da humanização enquanto *vocação ontológica para ser mais*, são os aspetos que hoje distingo, ainda, como mais relevantes, nessa leitura de Freire, que construímos em *diálogo e (por vezes em) conflito*⁴, como lugares cruciais da construção pedagógica.

Foi também importante, nesse período, a compreensão da articulação entre a vida e a obra de Freire (ROMÃO, & ROMÃO, N., 2021; SCOCUGLIA, 2021), edificadas numa interpelação dialógica, que tem sido muito estudada, bem como a compreensão de eventos político-sociais e religiosos que ocorriam no mundo e no Brasil, ao longo da cronologia de Freire. Foi também especialmente reveladora a identificação de acontecimentos e personalidades significativas no campo da Filosofia, da Psicologia, da Sociologia, da Educação e da Política, que permitiu

⁴ Toma-se como referência aqui a obra de Moacir Gadotti, Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2008) *Pedagogia. Diálogo e Conflito*.

compreender o enraizamento do pensamento de Freire num quadro mais global de tensões políticas, sociais e religiosos, as quais, claramente, tiveram implicações na sua filosofia política da educação, ao longo do seu trabalho e no seu percurso de vida.

O estágio deu também conta de um conjunto de questões burocráticas e de busca de financiamento, tendo incluído a colaboração na construção dos estatutos do IPFP pela equipa de estágio. Particularmente, Lurdes Vasconcelos, Manuela Evans e eu própria colaborámos, com amorosidade e uma forte implicação crítica na criação do Instituto Paulo Freire de Portugal (IPFP), como entidade de direito próprio.

O quarto momento, a institucionalização do instituto, conta com o contributo de académicos de várias universidades, de que destaco Licínio Lima e Steven Stoer. Por último, Luiza Cortesão (2002) destaca, ainda, um conjunto de pessoas amigas e de instituições que, de alguma forma, apoiaram a consecução do projeto. Entre este momento que legaliza o instituto e o momento anterior, Amélia Macedo (2002) relata a realização de um conjunto amplo de reuniões e encontros que envolveram grande diversidade de pessoas no debate, trazendo maior viabilidade ao IPFP, enquanto projeto emergente, em busca de sentidos. A investigadora acrescenta, ainda, como atinente a mobilização de um largo número de pessoas que testemunham o lançamento do IPFP. Nas suas palavras,

Com o anfiteatro repleto (pessoas sentadas no chão, pessoas à porta, pessoas impossibilitadas de entrar naquele espaço cheio, pessoas que vieram do Norte, do Sul, do interior e do litoral, pessoas da academia, das escolas, dos bairros pobres da periferia urbana, pessoas anónimas, pessoas que querem ler o mundo, um outro mundo...) vários foram os oradores neste evento. (MACEDO, A., 2002, p. 19)

A par do envolvimento de outras instituições, esta investigadora valoriza ainda o trabalho de uma equipa de freirianos que, um pouco por todo o país, divulgam Freire e a criação do instituto. Como membro dessa equipa esperançosa, lembro com saudade as muitas viagens pelo país, mobilizados pelo *inérito viável* de um mundo outro possível, inspirado em Freire.

Não poderia encerrar esta secção, que apresenta a promessa do IPFP, como *caderno novo*, sem referir que a FPCEUP se constituiu, desde essa época, como parceira privilegiada, continuando hoje a acolher o instituto e a associar-se às suas iniciativas, numa relação simbiótica com múltiplos (e mútuos) benefícios. Esta ligação emerge no trabalho continuado em projetos, iniciativas e debates com o Centro de Investigação e Intervenção Educativas, bem como com o Centro de Recursos Paulo Freire, desta faculdade.

Decorridos 20 anos, o que conseguimos fazer: estendendo raízes e braços...

Na segunda parte desta narrativa, dou destaque a algumas das atividades do IPFP. Sem uma preocupação de exaustividade, procuro, antes, acentuar alguns eixos da sua atuação, na linha da sua promessa, como registado nos seus estatutos e na busca de partilha e reinvenção do ideário radical de Freire, uma dinâmica transindividual. Usa-se o termo “transindividual” na linha da proposta de Rodrigo Vera Godoy (2014), do Instituto Pablo Freire, do Chile, que se refere à Pedagogia do Oprimido, como proposta de uma práxis pedagógica transindividual que contribui para a paz e para a democracia, objetivos que pautam também o trabalho realizado no IPFP. O autor explica que a práxis transindividual permite superar a dicotomia entre o social e o individual, construindo novas identidades, com alguns momentos comuns e outros diferentes, numa relação suportada na transversalidade, na síntese, na reflexividade (como práxis de busca), na intersubjetividade, e na resolução/ exploração de (des)equilíbrios num conjunto de tensões, que têm vindo a ser discutidas por Freire e pelo movimento freiriano.

No quadro dessa dinâmica, ao longo destes anos, talvez devido ao seu acolhimento institucional numa faculdade, o IPFP tem desenvolvido uma atividade mais centrada no mundo académico, contribuindo para a (re)constituição da universidade enquanto fórum de debate e de construção de conhecimento. Uma ação que se revela crucial num tempo em que a pressão

para o desempenho tende a desvirtuar esse lugar, instrumentalizando e tratando como produtos tanto o conhecimento como aqueles e aquelas que a ele se dedicam.

Com o objetivo de intervenção na construção de um pensamento crítico e de uma ação transformadora, no quadro da praxis freiriana, o IPFP tem participado em grande número de conferências, em contexto nacional e internacional, disseminando a nossa leitura de Freire e engajando-se no diálogo com outras interpretações. Esta leitura é claramente informada pelo nosso lugar social, aproximando-se das interpretações de outros grupos do movimento freiriano e, por outro lado, também se distinguindo de outras.

Já a realização de ciclos de conferências, na FPCEUP, tem permitido colocar na agenda do debate questões tão prementes como “Arte e intervenção” e “Exclusão ou Exclusões”, ampliando as possibilidades de diálogo *entre e para além* das paredes da produção académica, com contributos de pessoas oriundas de países e universidades distintas.

Dou destaque, pela sua relevância, ao congresso internacional realizado, em 2018, “50 anos depois da Pedagogia do Oprimido”, que deu lugar a uma manifestação forte do movimento freiriano, dando também origem a dois números da Revista Educação, Sociedade & Culturas⁵ (CORTESÃO, MACEDO, GERALDI, & ROMÃO, 2019; CORTESÃO & MACEDO, 2020), do Centro de Investigação e Intervenção Educativas. Este evento teve uma participação ampla não só por parte do mundo académico, mas também por parte de grupos e membros da sociedade civil que aceitando o desafio do instituto, tiveram espaço nas “Vozes da Comunidade” para expressar a sua voz, apresentando os seus artefactos culturais.

No quadro da mesma abordagem, beneficiando de maior informalidade e tirando partido dos saberes de experiência feitos, o IPFP tem também vindo a realizar um conjunto de tertúlias dialógicas que têm reunido académicos e membros da comunidade na reflexão em torno de obras de Freire, uma abordagem que permite compreender melhor o sentido da valorização de todos os saberes e das possibilidades de diálogo entre eles, no quadro da visão de intertextualidade, presente na obra de Freire (MACEDO & CARVALHO, 2018).

O envolvimento do Curso Doutoral em Ciências da Educação na dinamização destas tertúlias tem sido frutífero ao implicar as e os estudantes na leitura de obras deste autor e ao estimular o recurso a elas nas suas teses. Noutra ordem de razões, tem também provocado uma construção dialógica do conhecimento entre participantes que permite uma aprendizagem do diálogo pela experiência do diálogo. Esta dinamização parte dos interesses e saberes de cada tertuliente, o que expande a possibilidade de uma construção mais profunda de significados. A título de exemplo, refiro algumas das obras, mais ou menos (re)conhecidas, que foram objeto de debate, nessas tertúlias, que têm vindo a decorrer desde 2016, constituindo momentos de aprendizagem do prazer de aprender e discutir ideias para a transformação social: Professora sim, tia não, Pedagogia da autonomia, À sombra desta mangueira, Pedagogia do oprimido.

É interessante também referir, que, na sua articulação com o Centro de Recursos Paulo Freire, o IPFP disponibiliza, particularmente à população universitária, um acervo com mais de 1100 obras, das quais cerca de 60 são de autoria de Paulo Freire, havendo outras que refletem sobre o seu pensamento político pedagógico e outras, ainda, escritas na linha de Freire; obras estas que dão corpo à expressão do movimento freiriano, de que fazemos parte e que contribuímos para disseminar, apesar da falta de braços para o fazer. O aconselhamento de leituras e o debate de ideias, *com* estudantes que nos procuram, é um aspeto do trabalho do instituto que tem pouca visibilidade, mas que me parece de particular relevo, resultando muitas vezes da dupla função de alguns dos membros do IPFP enquanto docentes/ investigadores.

Na mesma linha de atuação, o IPFP tem vindo a fazer o aconselhamento de projetos de entidades da sociedade civil, em candidatura, introduzindo a reflexividade crítica freiriana e uma linguagem e pensamentos libertadores, bem como tem feito parte de outros projetos. Destes destaco a criação com famílias da comunidade do projeto piloto Escola Viva, numa modalidade de autogestão, e a participação na dinamização da Orquestra Comunitária Mundo em

⁵ Todos os números desta revista estão disponíveis online, no site do CIIE da FPCEUP.

Campanhã, também com – e dedicada a – pessoas da comunidade em situações de maior vulnerabilidade social.

A participação de membros do IPFP em projetos internacionais tem também permitido levar ao debate a proposta freiriana, sendo de dar destaque aos projetos “Lideranças Partilhadas”, de que uma equipa do IPFP fez o acompanhamento e avaliação, “XenoTolerance”, “LINK” e “Stalwarts”, numa relação com o CIIE, em que se exploraram, respetivamente, contributos freirianos para a gestão da diversidade enquanto mais-valia social, uma educação libertadora com artes, e articulações entre a proposta política educativa de Freire e a investigação ação participativa.

A publicação de artigos, organização de revistas temáticas e de livros, numa linha freiriana é outro contributo que gostaria de evidenciar na medida em que não só coopera para a disseminação do pensamento deste pedagogo como permite explorar articulações e caminhos novos. Destaco, neste âmbito, a Coleção Querer Saber, desenvolvida desde 2001, que inaugura, neste ano do centenário de Freire, o seu 7º número. Percorrer aspetos dos diferentes números, como faço em seguida, ilustra a intenção e articulações propostas em cada um deles, mostrando também como o IPFP se foi abrindo a Freire.

O primeiro número “Um caderno novo”, é dedicado a Luiza Cortesão, sendo um pequeno reconhecimento pelo seu percurso. Não resisto a contar-vos uma situação ligada a esta publicação. Enquanto estagiária da licenciatura em Ciências da Educação, tive oportunidade de construir com a Professora Luiza uma relação de alguma proximidade e abertura. Aquando da preparação desta obra, ela comentou um dia, com alguma preocupação “Não sei o que se passa com a Eunice, quando chego, cala-se ou muda de assunto.”, uma situação de que nos viríamos a rir mais tarde. Mal sabia ela, nessa altura, da preparação do lançamento do primeiro número com que a quisemos surpreender e homenagear, fazendo a apresentação do instituto e dos seus estatutos, bem como de algumas reflexões teóricas. Essa homenagem foi ampliada no segundo número, totalmente dedicado à Presidente da Direção do IPFP. Intitulado “Luiza Cortesão: uma homenagem” a sua intenção é óbvia. As primeiras palavras, proferidas por Carlos Alberto Torres (2004), começam assim,

Luiza Cortesão é uma dessas, raras, pessoas que conseguiu combinar o ativismo social com um academismo sério, zanga e paixão com amor e ternura, e que pôde ser a melhor ‘compañera’ para um estudante de graduação procurando orientação e esclarecimento, assim como pôde ser a melhor colega para professores, académicos e investigadores que procuravam engajar-se na interrogação séria e aprofundada de assuntos educacionais particularmente no campo da formação de professores e da política educacional” (TORRES, 2004, p. 7).

E continua, mais adiante, “se Paulo Freire tivesse conhecido em pormenor, o seu trabalho e a sua personalidade, podia ter-lhe chamado ‘a menina conetiva’. Nenhuma outra frase seria melhor para nomear Luiza.” (TORRES, 2004, p. 8).

Já o terceiro número da coleção “Diálogos através de Freire”, congrega autores e autoras de Portugal e do Brasil, num diálogo simbólico e fecundo. Como é sabido, Freire constrói o seu amplo contributo socioeducativo partindo da sua experiência de vida e em diálogo com outras pessoas, como o próprio acentua, por exemplo na Pedagogia da Esperança (FREIRE, 1997), e como acentuam outros membros do movimento freiriano, como Afonso Scocuglia (2021). Assim, acentua-se que o número três da coleção pretende corporizar,

duas das ideias força que Paulo Freire firmemente sublinhou nos seus trabalhos como sendo (...) importantes: a primeira diz respeito ao desejo (...) de que a sua obra não seja seguida mas recriada e mesmo criticada. (...) A segunda é bem visível na forma como o próprio livro está estruturado. Freire, como se sabe, sempre defendeu vigorosamente em toda a sua obra e na sua prática a importância do diálogo – diálogo como forma de enriquecimento dos interlocutores, como momento de afirmação do respeito pelas ideias dos outros e de valorização das mesmas. (MACEDO, 2004, p. 7-8)

Depois de um período de falta de financiamento, a coleção é retomada, em 2011, com o nº 4 “Porque uma educação outra é possível: Contributos para uma práxis transformadora”, o qual é dedicado a João Francisco de Souza, “companheiro de utopias e de sonhos, em nome do “des(a) fio” a teorias e práticas de educação”. Neste livro, organizado em duas partes, explora-se a relação indissociável entre a ação e a reflexão sobre ela, trazendo à colação trabalhos de intervenção realizados na Suécia, em Portugal e no Zimbabué. Na nota de abertura refere-se,

Procura-se agora simbolicamente, no ano da celebração dos 10 anos do instituto, ganhar novo fôlego, dar continuidade e ampliar a nossa intervenção (...). A inclusão de textos de autores, cuja *praxis* se desenvolve para além do contexto nacional, ilustra o esforço para estabelecer redes de diálogo – social, político e científico – mais amplas. (MACEDO, 2011, p. 9)

O nº 5, intitulado “Fazer educação, fazer política: Linguagem resistência e ação”, é apresentado, em 2014, incorporando, de novo, autoras e autores de Portugal e do Brasil. Apela à mobilização para a ação e para uma transformação social *amiga-de-mulheres-e-homens*, no horizonte de *mundos outros possíveis*. Já o nº 6, publicado em 2017, traz à colação a reivindicação e afirmação de direitos. É constituído maioritariamente por uma escrita feminina e nas primeiras palavras, refere-se

Vozes de mulheres cientistas, de vários campos concetuais, atravessam fronteiras para prestar testemunhos, negociar sentidos teóricos e metodológicos, e construir horizontes de uma cidadania outra com emancipação e humanização. (...) [E mais adiante acrescenta-se] O tempo – este tempo – reclama a visão da história como possibilidade, com que Freire nos brindou, e que este livro tanto ilustra como procura alimentar. (MACEDO, 2017, p.7)

Em 2021, ano em que se celebra o Centenário de Paulo Freire e os vinte anos do IPFP, apresenta-se a público, em setembro, o nº 7 da coleção, intitulado “A educação como experiência, ética, estética e solidária: Buscando inspiração em Freire”. A obra é construída em torno de um conjunto de argumentos que incorporam a visão freiriana e o movimento freiriano que lhe dá corpo, tomando como ponto de partida a análise da Pedagogia do oprimido, por Romão e Romão (2021). Este livro cruza autores e autoras mais consagrados com estudantes universitários, agora iniciados no ato de publicar, que contribuem para a visão de possibilidade na *praxis*, que tem vindo a crescer com a coleção. As Primeiras Palavras sugerem que Freire – pessoa e obra – constitua inspiração e proposta de trabalho, às e aos membros de um movimento freiriano que se tem vindo a construir e a expandir. Acrescenta-se,

Como terão oportunidade – e esperamos, desejo – de explorar, este número é organizado em torno de um conjunto de argumentos e constituído por uma multiplicidade de contributos, de diversos campos académicos e experienciais, oriundos de diferentes países e num enquadramento intergeracional. (...) Desafiamos potenciais leitores e leitoras a alinhar connosco nesta viagem entre passados vividos e enunciados, e futuros anunciados, engajando-se nos textos propostos a partir da sua realidade e investindo connosco na ideação de um horizonte mais humanamente humano. (MACEDO, 2021, p. 5)

Gostaria ainda de retomar aqui a ideia de que a proximidade entre a docência e a investigação e a dinamização do IPFP tem providenciado espaço com maior *amorosidade* para provocar, nas e nos estudantes, o encontro com Freire... A introdução de obras de Freire como referências essenciais em algumas das Unidades Curriculares e a provocação às e aos estudantes para ler Freire, têm suportado a busca de uma educação com liberdade, que indo além do pensamento crítico da realidade, ganha corpo na intencionalidade de transformação individual e social – faces indissociáveis da nossa construção enquanto sujeitos de corpo inteiro, na educação. Algumas incursões na formação de docentes e na relação com a comunidade têm

permitido ainda, ao instituto, a construção de uma *comunicação* mais ampla porque centrada nos saberes de pessoas reais situadas em contextos reais, para além do mundo académico.

Termino esta narrativa, lembrando que se trata de uma visão subjetiva, localizada e particular, muito sustentada na minha própria escrita, que deixa, necessariamente, de fora outros olhares e outras construções da *palavramundo*, com que tenho tido a oportunidade de dialogar, noutros contextos e com objetivos distintos dos deste texto. Deixo lugar na *incompletude* desta escrita para que outras vozes também se afirmem e se façam ouvir.

Referências bibliográficas

- CORTESÃO, L. (2002). Origens e significado do lançamento do 'Instituto Paulo Freire de Portugal'. In Eunice Macedo (Coord.). *Um Caderno Novo* (p. 7-14). Porto: LivPsic, IPFP & CRPF.FPCEUP.
- CORTESÃO, L., MACEDO, E., GERALDI, W. & ROMÃO, J. E. (Orgs) (2019). *Celebrando Paulo Freire: Novos e Velhos Desafios Na Educação - Revista Educação, Sociedade & Culturas*, 54. <https://www.fpce.up.pt/ciie/?q=publication/revista-educa%c3%a7%c3%a3o-sociedadeculturas/edition/educa%c3%a7%c3%a3o-sociedade-culturas-54>
- CORTESÃO, L. & MACEDO, E. (Orgs) (2020) *Paulo Freire: Da filosofia política à recontextualização no tempo atual - Revista Educação, Sociedade & Culturas*, 56. <https://www.fpce.up.pt/ciie/?q=publication/revista-educa%c3%a7%c3%a3o-sociedadeculturas/edition/educa%c3%a7%c3%a3o-sociedade-culturas-56>
- FREIRE, P. (1997). *Pedagogia da esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1999). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GADOTTI, M., FREIRE, P. & GUIMARÃES, S. (2008). *Pedagogia. diálogo e conflito*. São Paulo: Cortez Editora.
- GODOY, R. V. (2014, setembro). "Pedagogia del Oprimido", una obra de Paulo Freire, propone una praxis pedagógica transindividual para contribuir a la Paz y la Democracia. Comunicação apresentada no *IX Incontro Internazionale del Fórum Paulo: Sentieri di emancipazione al di là della crisi: Temi generatori del pensiero educativo e sociale di Paulo Freire*. Turim. Itália.
- KONING, M. (2005). *Rede de Mulheres 25 anos depois. Com Maria de Lourdes Pintasilgo*. Lisboa: GRAAL & Fundação Cuidar o Futuro.
- MACEDO, A. (2002). O Instituto Paulo Freire de Portugal. Relato institucional. In E. Macedo (Coord.). *Um Caderno Novo* (p. 15-22). Porto: LivPsic, IPFP & CRPF.FPCEUP.
- MACEDO, E. (2004). Introdução. In E. Macedo (Coord). *Diálogos através de Freire* (p. 7-14). Porto: IPFP; CRPF.
- MACEDO, E. (2011). Nota de abertura. In E. Macedo (Coord). *Porque uma educação outra é possível: Contributos para uma praxis transformadora*. Porto: IPFP; CRPF; LivPsic.
- MACEDO, E. (2017). Primeiras palavras. In E. Macedo (Coord). *Ecossistemas de Freire e o pensamento feminista: Diálogos e esclarecimentos*. Porto: IPFP; CRPF; CIIE; LivPsic.
- MACEDO, E. (2018). *Voices jovens entre experiência e desejo: Que lugares de cidadania?* Porto: Afrontamento.
- MACEDO, E., & CARVALHO, A. (2018). *Intertextualidade em Freire: Pedagogia da Esperança ao encontro da Pedagogia do Oprimido, continuidades e pensamento novo. Educação em Perspectiva*, 9(3), 564-575. <https://doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v9i3.1110>

- MACEDO, E., VASCONCELOS, L., EVANS, M., LACERDA, M., VAZ PINTO, M. (2001). *Revisitando Paulo Freire: Sentidos na educação*. Porto: ASA.
- MACEDO, E., VASCONCELOS, L., EVANS, M., LACERDA, M., VAZ PINTO, M. (2013). *Revisitando Paulo Freire: Sentidos na educação*. Brasília: Liber Livro.
- ROMÃO, J. & ROMÃO, N. (2021). Pedagogia do oprimido: Uma obra cinquentenária em evolução. In E. Macedo (Coord.), *A Educação como Experiência Ética, Estética e Solidária: Buscando Inspiração em Freire* (pp. 25-38). Porto: Mais Leituras, IPFP & CIIE.
- SCOCUGLIA, A. (2021). A relevância do trabalho na África e a construção da práxis de Paulo Freire. In E. Macedo (Coord.), *A Educação como Experiência Ética, Estética e Solidária: Buscando Inspiração em Freire* (pp. 61-76). Porto: Mais Leituras, IPFP & CIIE.
- TORRES, C. A. (2004). Primeiras Palavras. In E. MACEDO (Coord). *Luiza Cortesão. Uma homenagem* (7-8). Porto: IPFP; CRPF.
- YOUNG, I. (2002). *Inclusion and democracy*. New York: Oxford University Press